



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

Bagunça de passarinho: reflexões sobre paisagens sonoras desde os Yanomami Yawaripë

Autoria: Marina Sousa Lima (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

O objetivo deste artigo é pensar alguns dos elementos que compõem a paisagem sonora da porção leste da terra indígena Yanomami-TIY. A partir da potencialidade conceitual de paisagem sonora (soundscape) elaborada por Murray Schafer (2001), descreveremos operações sonoras de transformação da paisagem nas regiões do Apiaú e Ajarani, na TIY. Uma paisagem sonora é constituída a partir de eventos ouvidos: o canto de um pássaro, a conversa entre os mais velhos, o ruído de aviões e motor de energia, a correnteza do rio tocando pedras no caminho, o choro de uma criança. O caráter dinâmico e transformável da paisagem sonora amazônica será analisado, seguindo a conceituação deste autor, a partir dos aspectos dos sons que a compõe, considerando que sejam relevantes desde sua singularidade, preponderância e quantidade. Em ?A queda do céu? (KOPENAWA; ALBERT, 2015), Kopenawa oferece uma compreensão nativa do sistema macrossocial dos brancos, uma teoria crítica do outro, e uma definição específica para capitalismo. O estranho que chega e promove a destruição da terra e da floresta criada por ?Omama?, demiurgo Yanomami, é tido conforme um animal voraz, ?comedor de terra?. Tal como ?porcos-do-mato? promovem a alteração da paisagem por meio de suas escavações na terra e pela utilização de mercúrio nos rios. Os cantos dos ?xapiri?, espíritos e animais ancestrais, que habitam a floresta desde o ?tempo outro? silenciam. A floresta é tomada pelo barulho das escavadeiras e das máquinas que iriam construir a Perimetral Norte, ou parte dela.



A partir disto, descreveremos eventos ouvidos que se mostram relevantes na composição da paisagem sonora dos Yanomami, de modo a contribuir com o entendimento da vida acústica desta localidade.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: